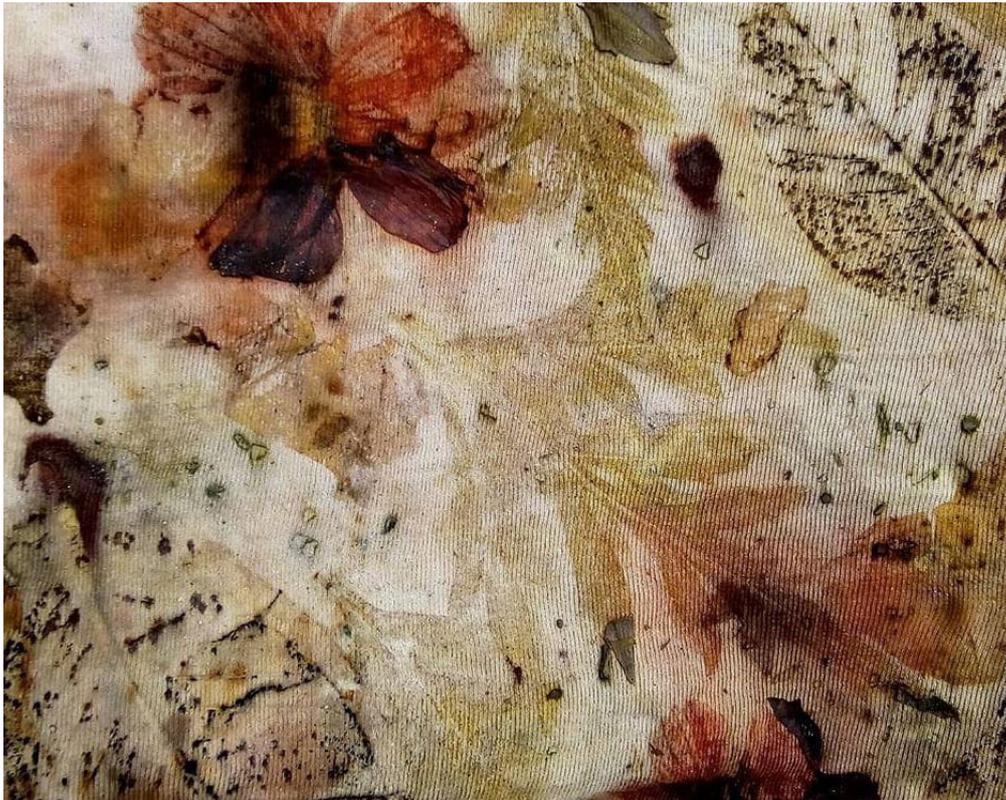


Dossiê: Diversidade Contaminada



Organizadores

Rafael Victorino Devos

Viviane Vedana

Letícia Cesarino

Thiago Mota Cardoso

Apresentação

Presentation

Rafael Victorino Devos¹
Viviane Vedana¹
Letícia Cesarino¹
Thiago Mota Cardoso²

¹Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, Brasil

²Universidade Federal do Amazonas, Manaus, AM, Brasil

Este Dossiê Diversidade Contaminada da *Ilha – Revista de Antropologia* do PPGAS/UFSC reúne trabalhos que foram apresentados durante a VII Reunião de Antropologia da Ciência e Tecnologia, que ocorreu de 7 a 10 de maio de 2019, na Universidade Federal de Santa Catarina, em Florianópolis. Mantendo a proposta do evento, em sua sétima edição, todas as inscrições foram gratuitas, sendo o evento realizado na íntegra por meio de financiamento de órgãos científicos, em especial pela CAPES, pelo CNPq e pela FAPESC, e por parcerias. O evento, já consolidado no país, apresenta contribuições da Antropologia da Ciência e da Tecnologia na problematização do caráter individual do conhecimento e da habilidade técnica. Os estudos sociais da ciência, da produção de inovação e da tecnologia investigam esses temas como parte de comunidades cosmopolíticas que compartilham o mundo e a vida com outros seres e subjetividades, em modos de existência mais alinhados com os desafios ecológicos que temos diante de nós.

A VII ReACT discutiu as relações entre ciência, tecnologia, natureza, vida e futuro, bem como os modos de ver, definir e intervir em um mundo tecnocientificamente constituído. Reuniram-se mais de 600 pessoas entre pesquisadores, estudantes, técnicos e professores de Antropologia, Sociologia, Ciências Sociais, Biologia, Psicologia, Geografia, Linguística, História e Filosofia em um diálogo interdisciplinar.



Este trabalho está licenciado sob CC BY-NC 4.0. Para visualizar uma cópia desta licença, visite <https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0>

Este dossiê reúne trabalhos que foram apresentados em conferências, mesas redondas e oficinas que se pautaram pela temática geral da sétima edição da ReACT: diversidade contaminada. Essa diversidade contaminada avança na forma de entender a malha complexa de relações entre Cultura e Natureza mediadas pela tecnologia: relações sociais entre humanos, outros seres vivos e agentes ambientais como parte de um mesmo processo de emergência e de destruição de diversidade de vidas que constitui o Antropoceno. O tema inspira-se no trabalho da Antropóloga Anna Lowenhaupt Tsing (University of California Santa Cruz e Aarhus University), que foi uma das conferencistas.

No momento de realização da VII ReACT, em maio de 2019, o Brasil recuperava-se ainda do recente rompimento da barragem da mineradora Vale do Rio Doce, em Brumadinho, Minas Gerais, ocorrida em janeiro de 2019, que repetia parte da tragédia vivida com o rompimento da barragem de rejeitos de Fundão, da empresa Samarco, ocorrido em 2015, também em Minas Gerais. E o Brasil seguiu protagonizando outros desastres ambientais no ano da VII ReACT com as queimadas que se intensificaram na Floresta Amazônica e o vazamento de petróleo cru que contaminou mais de 300 localidades e mais de 2.000 quilômetros do litoral do Nordeste do Brasil, que tornaram ainda mais urgentes os debates em torno das consequências de projetos imperiais e industriais humanos, da contaminação das águas e da perda de diversidade da vida. Passado um ano da realização do evento, a perda da diversidade da vida intensificou-se com a pandemia do novo coronavírus (SARS-CoV-2). Em meados de maio de 2020, o Brasil figurava como o epicentro da doença em todo o mundo, seja em número de mortes, seja em número de pessoas infectadas. A COVID-19 no país atinge, sobretudo, comunidades periféricas, povos indígenas e outros segmentos vulneráveis numa sociedade brutalmente desigual. Seguir pesquisando essa realidade antropocênica mais que humana torna-se cada vez mais um desafio e uma obrigação para a Antropologia e suas disciplinas parceiras. Este número da Revista Ilha busca contribuir para esses esforços.

Mauro William Barbosa de Almeida (UNICAMP), conferencista de abertura do evento, discute em seu texto “Anarquismo Ontológico e Verdade no Antropoceno” sobre a importância da reabilitação das noções de verdade e racionalidade para, de um lado, fazer frente à construção das pseudoverdades ou falácias (as famosas *fake news*), que são prática comum nos dias atuais, como, de outro lado, estarmos atentos às garantias de existência da diversidade das vidas humanas e não humanas. Assim, na agenda político-científica das humanidades, aí obviamente incluída a antropologia, estaria a construção de alianças com outras ciências na busca de um “chão comum” de diálogo assentado em critérios de verdade e de razão que considerem a multiplicidade de ontologias e de modos de existência. Mauro Almeida, ao longo do texto, nos conduz por caminhos que se cruzam entre experiências etnográficas e filosofia da ciência para propor um engajamento com a verdade pragmática sem necessariamente aderirmos a um realismo científico excludente.

Seguindo esse espírito, o artigo “Vidas Precárias em Águas Turvas: antropologia colaborativa nas ruínas do Antropoceno” é um texto em várias mãos, resultante da Oficina de Pesquisa “Águas turvas, vidas precárias”. O artigo apresenta experiências de pesquisa colaborativa que possuem em comum o engajamento etnográfico situado em paisagens aquáticas arruinadas e na emergência de alternativas de resistência às infraestruturas

antropocênicas. O texto produzido por Thiago Mota Cardoso, Cristiana Losekann, Rafael Buti, Pedro Castelo Branco Silveira, Diego Kern Lopes e pela artista e pesquisadora Natália Seeger Duarte nos brinda com um mosaico de experiências etnográficas/artísticas nas fronteiras dos manguezais da Baía de Todos os Santos, na Bahia, e da Reserva Extrativista Rio Goiana, em Pernambuco, por entre as arenas cosmopolíticas em torno do desastre no Rio Doce, navegando em rios Amazônicos ameaçados por hidrelétricas. Em tais situações-limite do fazer antropológico, os/as autores/as testemunham mundos em transformação, perspectivas locais parciais e interações multiespécies em paisagens arruinadas, apontando para a incontornável emergência de formas inovadoras de aliança e de colaboração entre pesquisadores de diversas disciplinas, artistas e comunidades locais.

O artigo de Letícia Cesarino (UFSC) que compõe este dossiê foi discutido na mesa dedicada à relação entre a “Antropologia e modelos científicos”. Em seu texto “A Pós-Verdade e a Crise do Sistema de Peritos: uma explicação cibernética”, a autora retoma a questão da produção de verdade nos estudos sociais da ciência e da tecnologia para avançar, inspirada em Gregory Bateson, em uma “explicação cibernética” para a pós-verdade como parte do duplo processo contemporâneo de digitalização e neoliberalização. O caráter sistêmico de sua análise revela padrões estruturais emergentes relativos ao aumento da entropia ou da desorganização das formas contemporâneas de produção de verdade que encontram ressonâncias em esferas além da científica, como a economia, a política, a justiça, a infraestrutura de mídias e até mesmo a religião. A autora elabora seu argumento a partir de uma etnografia em redes sociais bolsonaristas, evidenciando a “dialética de produção e de redução da desordem” (o termo é de Jean e John Comaroff) informacional e cognitiva que viceja no atual contexto de crise de confiança no sistema de peritos – termo que inclui, além da ciência e da universidade, outros pilares da democracia liberal moderna, como a esfera pública e o jornalismo profissional. Ainda, ao refletir sobre o populismo digital como janela etnográfica privilegiada para acessar esses processos mais fundamentais, a autora aponta ressonâncias com outras partes do espectro político, como a própria esquerda.

Os trabalhos de Brisa Catão, “Águas de Dançar Juntos: coordenação e sintonização multiespécies na pesca com botos em Laguna (SC, Brasil)”, e de Beto Vianna, “Como Reatar a Conversa com Corpos Desiguais”, foram debatidos em conjunto em uma Mesa Redonda voltada para as experimentações de pesquisa com formas de comunicação multiespecífica. Brisa Catão nos conta em seu texto sobre as variadas formas de colaboração e de comunicação multiespécie entre botos, pescadores e peixes em Laguna, Santa Catarina. Com sua etnografia, descobrimos como habilidades técnicas da pesca são desenvolvidas no encontro entre pescadores e golfinhos que capturam tainhas, conhecemos botos, seus nomes e suas características, bem como nos aproximamos dos pescadores e de seus fazeres da pesca. Nessa narrativa, ficamos sabendo também das tainhas e suas formas de escapar das tarrafas e dos botos ao se refugiarem próximo às pedras do fundo da lagoa. O texto de Brisa Catão, em sua delicadeza descritiva e riqueza de detalhes, nos leva a dançar junto com botos, pescadores e peixes nas águas de Laguna.

Já o texto de Beto Vianna, “Como Reatar a Conversa com Corpos Desiguais”, nos apresenta uma reflexão sobre a linguagem como um fenômeno relacional e que pertence ao campo do comportamento, argumentando que a cognição não é uma habilidade

constitutiva do organismo, mas sim, justamente, um comportamento relativo que ocorre entre diferentes organismos – ou o que o autor chama de vivos – sejam eles humanos ou não. Em um diálogo com a *Biologia do Conhecer* de Maturana e Varela, Vianna analisa o processo perceptivo, a partir das relações do organismo com seu entorno, e avança na discussão sobre a cognição como um “domínio gerado no operar dos sistemas vivos”, questionando explicações para o fenômeno da linguagem que considerem apenas sua dimensão representacional. Vianna sustenta seu argumento oferecendo ao leitor perguntas cujas respostas são desenvolvidas, tanto por discussões teórico-conceituais como por exemplos empíricos.

Os textos “Passo a Dois: percepção tátil-cinética na mobilidade com cão-guia”, de Olívia von der Weid (UFF), e “Habilidades Perceptuais entre a Captura e o Comércio de Pescado”, dos pesquisadores da UFSC, Gabriel Coutinho Barbosa, Viviane Vedana e Rafael Victorino Devos, foram discutidos em uma Mesa Redonda dedicada ao tema da percepção e das técnicas do corpo na Antropologia, situando o movimento de humanos e não humanos como forma de conhecimento dos ritmos que fazem corpos e ambientes. O texto de Olívia apresenta uma pesquisa que envolve as formas de percepção e de ação de pessoas cegas em suas “trajetórias habilidosas e criativas”. Nesse artigo, aprendemos tanto sobre os conhecimentos corporificados dos movimentos pelo mundo das pessoas cegas, seu saber-fazer orientado por outros sentidos que não a visão, como também sobre as estratégias metodológicas e de descrição etnográfica que tornam possível a pesquisa. Numa bela metáfora com a dança de salão, o texto nos conduz à compreensão da relação entre o cão-guia e a pessoa guiada como um encontro entre corpos, ritmos e passos que se ajustam e se percebem em movimento. Por meio de descrições detalhadas, Olívia nos mostra o longo processo de aprendizagem que constitui essa relação, o que exige muito treino e repetição. Já o trabalho de Barbosa, Vedana e Devos contribui para as discussões em torno da constituição de uma Antropologia da Percepção, a partir de pesquisa etnográfica com pescadores artesanais e comerciantes de pescado em diferentes regiões do Brasil. O texto discute o conceito de habilidade perceptual como forma de acesso a relações ecológicas e qualidades sensíveis dos modos de individuação do pescado entre paisagens costeiras e grandes mercados.

“O Antropoceno Mais-que-Humano”, texto traduzido da conferência de encerramento de Anna Tsing da VII ReACT, apresenta algumas propostas de pesquisa para investigação dos eventos e das socialidades mais-que-humanas que marcam nossa época de terrores ambientais. São esforços de descrição das aventuras dos colaboradores não humanos do Antropoceno em diversas partes do mundo que foram reunidas no Atlas Feral. Trata-se de um projeto colaborativo de mapeamento e de narrativas das ações de seres vivos e não vivos emaranhados em projetos imperiais e industriais humanos que contribuem para a destruição da habitabilidade da terra, ao mesmo tempo em que repovoam ruínas de formas imprevisíveis.

Os organizadores do Dossiê agradecem aos autores e a todos os que tornaram possível a VII ReACT.

Apresentação

Rafael Victorino Devos

Professor no Departamento de Antropologia e no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e pesquisador do grupo CANOA – Estudos em ambientes, percepções e práticas.

Endereço profissional: Departamento de Antropologia, Universidade Federal de Santa Catarina, Campus Trindade, Florianópolis, SC. CEP: 88040-900.

E-mail: rafaeldevos@yahoo.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5985-0155>

Viviane Vedana

Professora no Departamento de Antropologia e no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e pesquisadora do grupo CANOA – Estudos em ambientes, percepções e práticas.

Endereço profissional: Departamento de Antropologia, Universidade Federal de Santa Catarina, Campus Trindade, Florianópolis, SC. CEP: 88040-900.

E-mail: viviane.vedana@ufsc.br

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1132-5973>

Letícia Cesarino

Professora e pesquisadora no Departamento de Antropologia e Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e membro da Rede de Antropologia da Ciência e da Tecnologia (ReACT).

Endereço profissional: Departamento de Antropologia, Universidade Federal de Santa Catarina, Campus Trindade, Florianópolis, SC. CEP: 88040-900.

E-mail: leticia.cesarino@ufsc.br

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7360-0320>

Thiago Mota Cardoso

Doutor em Antropologia Social. Professor do Departamento de Antropologia (DAN) da Universidade Federal do Amazonas (UFAM).

Endereço profissional: Campus Universitário Senador Arthur Virgílio Filho, Bloco Administrativo n. 3 Pavilhão Uatumã, Setor Norte, Coroado, Manaus, AM. CEP: 69077-000.

E-mail: thi.motacardoso@gmail.com; thiagocardoso@ufam.edu.br

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7220-7487>

Como referenciar esta apresentação:

DEVOS, Rafael Victorino *et al.* Apresentação: Dossiê Diversidade Contaminada. **Ilha – Revista de Antropologia**, Florianópolis, v. 23, n. 1, p. 4-9, janeiro de 2021.